

Comentários acerca da tradução do conto “Dizem que os cães vêem coisas”, de Moreira Campos

Commentaries on the Translation of the Short Story “Dizem que os cães vêem coisas”, by Moreira Campos

Hélio Parente de Vasconcelos Neto
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Universidade Federal do Ceará (UFC/DELILT)
Bolsista-pesquisador CAPES
hpn.helio@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-8586-4892>

Katarine Maria Linhares Calado
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Universidade Federal do Ceará (UFC/DELILT)
Bolsista-pesquisadora CNPq
caladokatarine@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-6405-1630>

André Mesquita Saraiva Verçosa
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Bolsista-pesquisador CAPES
andremesquitav@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0001-5062-0721>

RESUMO: Este artigo visa apresentar parcialmente uma tradução cooperativa comentada à língua inglesa do conto “Dizem que os cães vêem coisas” (1987), que constitui o *corpus* desta pesquisa, do autor modernista cearense Moreira Campos, como forma de propagar a cultura literária do estado do Ceará para outros domínios linguístico-culturais. Campos foi um autor influente no modernismo cearense através, principalmente, de seus contos. Foi membro fundador do Grupo Clã, entidade responsável pela propagação do modernismo no estado, foi reitor da Universidade Federal do Ceará e membro da Academia Cearense de Letras, o que justifica a escolha deste escritor como objeto de estudo. Especificamente, este texto busca a produção de uma tradução cooperativa e comentários de teor crítico, reflexivo e descritivo, focados no processo tradutório. Visando a contextualização dos comentários da tradução, nos valem de um referencial teórico composto por pesquisadores de três campos: Estudos da Tradução, Humboldt (2010), Schleiermacher (2010), Levý (2000), Aixelá (2013) e Torres (2017); estudos sobre literatura cearense, Azevedo (1975 e 2017) e estudos linguísticos, Cunha e Cintra (2021) e Bland (1996). A pesquisa, então, se vale de um

viés qualitativo, onde a obtenção de dados se deu a partir da análise e da contextualização teórica do *corpus*. Os resultados obtidos foram interpretados, contextualizados e descritos através do referencial teórico mencionado em conjunto ao procedimento metodológico adotado. Para alcançar os objetivos propostos, utilizamos a metodologia da revisão de literatura, junto do cotejo de estratégias tradutórias divergentes para que o debate, o contraste e a escolha da estratégia a ser utilizada fosse possível.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos da Tradução; tradução comentada; literatura brasileira; literatura cearense; Moreira Campos.

ABSTRACT: This article aims to present a partial cooperative annotated translation to English of the short story “Dizem que os cães vêem coisas” (1987), that constitutes the *corpus* of this paper, by the modernist author from Ceará Moreira Campos, as a means to propagate the literary culture of the State of Ceará to other linguistic and cultural domains. Campos was an influential author in the modernist movement from Ceará through, mainly, his short stories. He was a founding member of Grupo Clã, an entity responsible for the propagations of modernism in the state, was rector of the Federal University of Ceará and member of the Academia Cearense de Letras, which justifies the choosing of this author as an object of study. Specifically, this paper seeks the writing of a cooperative translation and of annotations, with a critical, reflexive and descriptive tone, focused on the translational process. Aiming to contextualize the translation’s commentaries, we utilized a theoretical framework consisting of research from three fields: Translation Studies, Humboldt (2000), Schleiermacher (2000), Levý (2000), Aixelá (2013) and Torres (2017); studies on Ceará’s literature, Azevedo (1975 and 2017) and linguistic studies, Cunha e Cintra (2021) and Bland (1996). This study, therefore, is based upon a qualitative perspective, where the gathering of data was possible through the analysis and the theoretical contextualization of the *corpus*. The obtained results were interpreted, contextualized and described through the aforementioned theoretical framework together with the methodological procedure. To achieve the proposed objectives, the methodology of literature review and comparative analysis of diverging translational strategies were utilized, so that the debating, the contrast and the choosing of the final strategy would be possible.

KEYWORDS: Translation Studies; annotated translation; Brazilian literature; literature of Ceará; Moreira Campos.

Introdução

Este artigo visa apresentar parcialmente¹ uma tradução comentada a seis mãos do conto “Dizem que os cães vêem coisas” (1987), do autor cearense Moreira Campos, para o inglês, com base nas pesquisas e teorias dos Estudos da Tradução (doravante ET).

¹ As obras de Moreira Campos não se encontram em domínio público. Por esta razão, nos valendo da Lei n. 9.610/1998, apresentamos trechos da obra de modo a fomentar a discussão proposta.

Sobre este campo de saber, é salutar que os ET marcam sua trajetória de formação através da reivindicação de um campo de conhecimento próprio do ato tradutório, em suas distintas manifestações e modalidades, cuja interdisciplinaridade se apresenta como uma característica fundamental. Como aponta o teórico francês Antoine Berman (2007), esta disciplina surge das reflexões oriundas do próprio fazer tradutório e não deve ser considerada como uma disciplina subalterna a outras. A tradução, então, não é apenas uma subárea da linguística, nem da poética, mas uma atividade que traz suas próprias reflexões e gera seus próprios saberes (Berman, 2007, p. 18).

Ainda em seu texto, Berman argumenta que o campo, que se tornaria os ET, deve meditar sobre a totalidade das diferentes formas que a tradução pode se manifestar (2007, p. 21). Desta maneira, o presente artigo tem como objetivo geral apresentar reflexões teórico-críticas advindas da prática da tradução comentada, isto é, da tradução literária acompanhada de um discurso interpretativo, descritivo e crítico acerca das principais dificuldades tradutórias, das estratégias utilizadas e do processo de escrita da tradução.

O gênero textual da tradução comentada pode ser compreendido como um gênero acadêmico-literário, cujo caráter literário dependerá de seu autor e do objeto de estudo (Torres, 2017, p. 18). Ademais, tanto o comentário como a tradução partem de um processo interpretativo do texto com o qual se trabalha, sendo ambos, comentário e tradução, consequências interpretativas do texto de partida, formando-se, assim, uma: “[...] relação intrínseca entre leitura, comentário e tradução” (Torres, 2017, p. 17).

A tradução comentada ou anotada, enquanto objeto de estudo explorado dentro dos ET, teve início nos comentários da tradução de textos sagrados (Torres, 2017, p. 16) e possui algumas características comuns que também são visíveis neste trabalho. Dentre estas características, Torres (2017, p. 18-19) destaca o caráter: 1) autoral, visto que o autor/autores de uma tradução são os mesmos do comentário; 2) metatextual, já que o comentário está não só inserido no texto tradutório, mas a tradução em si também se entrelaça com o texto de partida; 3) discursivo-crítico, que faz menção ao objetivo da tradução comentada de tornar visível o processo tradutório, suas estratégias e seus efeitos no texto traduzido; 4) descritivo, caráter surgido das reflexões acerca de uma tradução que antecede o próprio comentário e 5) histórico-crítico, na medida em que toda tradução comentada teoriza sobre a prática tradutória e, assim, contribui para a historiografia da tradução e da crítica da tradução.

As características elencadas acima também se constituem como objetivos-específicos deste trabalho. Isto pois não só a divulgação de uma tradução é desejada, mas também a exposição de reflexões críticas acerca do fazer tradutório, da produção

de comentários acerca da literatura traduzida e do objetivo de se contribuir para a historiografia da tradução e para a circulação da literatura cearense em outros ambientes linguístico-culturais fora do alcance da língua portuguesa brasileira.

De forma a tornar possível esta pesquisa, elencamos o conto “Dizem que os cães vêem coisas” (1987), de Moreira Campos, como o *corpus* desta pesquisa. Desta maneira, o objeto de estudo fornecerá os dados linguísticos e culturais necessários para a elaboração deste trabalho. O autor escolhido é um expoente do modernismo cearense, além de ter sido membro atuante de associações literárias, como o Grupo Clã e a Academia Cearense de Letras (ACL), e escritor influente na literatura nacional, cuja poética se traduziu a vários idiomas como o inglês e o espanhol (Azevedo, 1975). O conto porta algumas das características idiossincráticas de Campos, que serão exploradas de maneira aprofundada posteriormente, como: o seu caráter sintético, ou seja, de pequena extensão, ainda que não sacrifique qualidade, e a exposição da complexidade da vida cotidiana (Azevedo, 2017, p. 45). O *corpus* deste trabalho narra a percepção de uma festa sob os olhos da morte, enquanto personagem observadora, que passa despercebida por todos, à exceção de alguns animais domésticos. O conto discorre sobre uma situação notavelmente comum, tecendo pequenas críticas sobre o comportamento de seus personagens, culminando no falecimento de um deles, também de maneira despercebida, marcando seu caráter trágico e crítico para com a sociedade.

De modo a alcançar os objetivos supracitados, a metodologia adotada foi a tradução do texto de maneira colaborativa, onde as estratégias empregadas foram discutidas, comparadas e contextualizadas, para então serem utilizadas dentro do texto de chegada. Além disso, utilizamos a metodologia do cotejo para a comparação de estratégias tradutórias, quando estas divergiam entre si, para elencar aquela a ser utilizada no produto final, como é possível observar-se nos quadros incluídos neste artigo. A revisão bibliográfica como medida de contextualização, interpretação e análise qualitativa dos dados linguísticos-culturais oriundos da tradução e do comentário produzido também fez parte dos procedimentos metodológicos deste artigo.

A revisão bibliográfica se deu através do referencial teórico escolhido, composto por três grupos teóricos. O primeiro contém pesquisas referentes aos ET, como as reflexões dos teóricos do romantismo alemão, à exemplo de Humboldt (2010), Schleiermacher (2010), e de autores contemporâneos como Levý (2000) e Aixelá (2013), além dos já citados Berman (2017) e Torres (2017). Junto destes, utilizamos pesquisas que dizem respeito ao estudo da literatura brasileira, com foco na literatura cearense, como os pesquisadores Azevedo (1975 e 2017) e Netto (2024).

Ademais, a consulta ao material de apoio referente às questões gramaticais específicas da língua portuguesa brasileira e da língua inglesa também foi realizada, através dos estudos de Cunha e Cintra (2021) e de Bland (1996), respectivamente.

Literatura cearense e modernismo: Moreira Campos

Ao discorrer sobre literatura regional, é necessário, primeiramente, elencar os critérios de seleção dos autores que compõem esta produção literária. Em sua obra, *Literatura Cearense* (1975), Azevedo elege os seguintes critérios para a identificação de um escritor cearense, devendo a pessoa-escritora ser: 1) sujeito nascido no Ceará que produziu obras literárias no próprio Estado; 2) sujeito nascido em outros Estados, mas que desenvolveu sua produção literária no Ceará; ou 3) sujeito cearense que, mesmo residindo fora, compôs obras relacionadas à sua terra natal. A partir destes parâmetros, Azevedo produz uma historiografia da literatura do estado do Ceará, da qual nos valem neste trabalho.

De acordo com o autor, a produção literária cearense tem suas origens nos chamados “Oiteiros” de 1813 e 1814, considerados a mais antiga manifestação literária registrada no Estado. Os poemas desse período eram marcados por elogios aos governantes e às figuras consideradas heroicas à época, seguindo uma estética neoclássica com traços de racionalismo barroco (Azevedo, 1975, p. 19). Com o passar das décadas, emergem outros movimentos culturais e literários no estado, como a Padaria Espiritual (1892) e o Clube Literário (1886), expoentes do que foi considerado como o realismo cearense, além do Grupo Clã, responsável pela implantação definitiva do modernismo no Ceará e grupo do qual fez parte Moreira Campos, enquanto membro fundador (Azevedo, 1975, p. 427, 430). Essas iniciativas foram fundamentais para estruturar e divulgar a produção literária local, fortalecendo a identidade cultural do Estado (Azevedo, 1975, p. 13-17). Como mencionado anteriormente, Moreira Campos se encontra inserido no modernismo cearense, assim, as características deste movimento no Brasil são relevantes para os objetivos deste artigo.

O modernismo brasileiro tem seu marco inicial em 1922, em São Paulo, através da Semana de Arte Moderna. Este movimento, através de críticas desafiadoras e iconoclastas, é marcado pela busca de uma renovação das linguagens artísticas e da ruptura com correntes artísticas passadas, como o parnasianismo. Como aponta Bicalho, o modernismo brasileiro tinha o impulso de destruir modelos considerados arcaicos, desafiar o gosto já estabelecido nas artes e propor um olhar inovador para o mundo (2010, p. 22). Apesar da Semana de 22 ser o combustível necessário para impulsionar o movimento, obras com características similares já

eram produzidas no Brasil, como era o caso de Anita Malfatti e seu trabalho de vertente anti-naturalista (Cavalcanti, 2013).

Através do ímpeto de propagar suas ideias, os modernistas realizaram uma campanha para difusão do pensamento moderno, por meio da publicação de artigos, lançamento de revistas e manifestos próprios, além de excursões encabeçadas por figuras influentes do movimento às outras regiões do Brasil, como as excursões de Guilherme de Almeida nos estados do nordeste. Netto, ao comentar sobre a divulgação das ideias modernistas no Ceará, discorre que o *Manifesto Antropofágico*, do poeta Oswald de Andrade, seria o mais impactante no estado (2020, p. 105).

Sânzio Azevedo aponta que o modernismo no Ceará teve início em 1927, através da obra *Canto Novo da Raça*, de autoria conjunta de Jáder de Carvalho, Franklin Nascimento, Sidney Melo e Mozart Firmeza (1975, p. 379). Neste período inicial, a divulgação de obras modernistas deu-se, principalmente, através dos periódicos *Maracajá*, suplemento literário do jornal *O Povo*, onde destacam-se as contribuições de Antônio Garrido (pseudônimo de Demócrito Rocha), Mário Kepler Sobreira de Andrade (conhecido como Mário de Andrade do Norte), Paulo Sarasate, Filgueiras Lima e Rachel de Queiroz, e do periódico *Cipó de Fogo*, dirigido por João Jacques e Mário de Andrade do Norte, representando a primeira fase do modernismo cearense (Azevedo, 1975, p. 379).

Já na década de 40, o modernismo cearense atinge sua segunda fase, sendo consolidada através da fundação do Grupo Clã. O grupo, cujo nome seria, inicialmente, uma sigla para Clube de Literatura e Arte, como consta na edição inaugural da revista *Clã*, tem suas primeiras obras publicadas em 1943: *Três Discursos* (de autoria de Eduardo Campos, Mário de Andrade do Norte e Antônio Girão Barroso), o livro de contos *Águas Mortas* (de Eduardo Campos) e *Escola Rural* (de Mário de Andrade do Norte) (Azevedo, 1975, p. 428). Neste grupo, estariam presentes como membros fundadores importantes figuras da literatura cearense, tais como Aluizio Medeiros, Antônio Girão Barroso, José Stênio Lopes e, destacadamente, Moreira Campos. Azevedo (1975, p. 427) aponta que a inauguração do grupo e as obras de seus autores implementam, definitivamente, o modernismo no estado, consolidando Campos como um importante autor modernista cearense.

José Maria Moreira Campos nasceu no município de Senador Pompeu, no Ceará, em janeiro de 1914, foi um escritor e acadêmico cearense de destaque na literatura nacional. Bacharelou-se em direito pela Faculdade de Direito do Ceará e licenciou-se em Letras Neolatinas pela Faculdade Católica de Filosofia do Ceará (posteriormente integrada à Universidade Federal do Ceará). Campos

foi professor de Literatura Portuguesa no Departamento de Letras Vernáculas do Centro de Humanidades da UFC e, posteriormente, tornou-se reitor da mesma instituição. Na literatura, fez parte da ACL, foi membro do Grupo Clã, além de compor poemas, contos e ensaios. Apesar de ter praticado o ensaio e o poema, Azevedo (1975, p. 478) aponta que Campos destaca-se: “[...] acima de tudo, como contista, dos maiores de nossa literatura”. Suas principais obras são: *Poesias: Momentos* (1976); *Contos: Vidas marginais* (1949); *Portas fechadas* (ganhadora do Prêmio Artur de Azevedo, do extinto Instituto Nacional do Livro, órgão federal responsável pelas políticas dos livros no país) (1957); *As vozes do morto* (1963); *O puxador de terço* (1969); *Contos escolhidos* (1971); *Os doze parafusos* (1978); *Dez contos escolhidos* (1981); *Dizem que os cães vêem coisas* (1987), dentre outros.

Sobre a escrita e o estilo de Moreira Campos, a pesquisadora Albuquerque aponta que uma de suas particularidades é de narrar contos no aspecto verbal im-perfeito, expressando ideia de continuidade, além da abordagem objetiva e detalhada, na qual descreve em minúcias as ações e ambientes narrados (Albuquerque, 1985, p. 153), conversando com algumas das características da terceira fase do movimento modernista brasileiro. Apesar deste trabalho ter como objetivo a tradução comentada de literatura regional cearense, é salutar que a influência da região de nascença não é o aspecto mais destacado na obra de Campos, embora certas obras, como o livro *Portas Fechadas* se valerem da “vivência sertaneja do autor”, como afirma Azevedo (2017, p. 46). Em pensamento similar ao de Albuquerque, Moreira Campos (1971, p. 12) afirma que interpreta o conto como “[...] um momento, um flash, uma fatia de vida, uma impressão, uma mancha [...]”, definição que parece concordar com a obra aqui traduzida, *Dizem que os cães vêem coisas* (1987), que nos apresenta a um momento cotidiano aparentemente normal, uma fatia da vida rotineira enquanto momento permeado pela alegria, pelos excessos e, neste caso, pela morte na qualidade tanto de acontecimento como de personagem observadora.

Este foco temático na vida cotidiana parece assentir com o apontamento de Azevedo, ao argumentar que a literatura de Campos se concentra, principalmente, “nos dramas da vida humana e não na presença da terra” (2017, p. 46), através de “[...] narrativas sintéticas e despojadas” (2017, p. 45). Dessa forma, em harmonia com seu estilo, o processo de tradução do conto escolhido foi construído.

They say that dogs see things: tradução e comentário

Como mencionado anteriormente, a tradução comentada tem como característica fundamental o caráter autoral de sua produção (Torres, 2017, p. 18), já que o

comentarista e o tradutor costumam ser o mesmo sujeito. Este fato implica que a tradução e a produção de seu comentário envolvem a interpretação do texto de partida, que pode se dar de distintas maneiras de acordo com cada tradutor, especialmente no que se refere a termos de difícil replicabilidade em outras línguas ou culturas. A tradução, então, pode ser compreendida como “[...] uma forma privilegiada de leitura crítica” (Campos, 1992, p. 43-44) e através dela novos leitores podem se debruçar sobre os mecanismos artísticos do texto. Tal afirmação remonta ao pensamento de Humboldt em relação aos aspectos teóricos da tradução, onde o alemão questiona: “como poderia uma palavra, cujo significado não é dado imediatamente pelos sentidos, jamais ser igual a uma palavra de outra língua?” (Humboldt, 2010, p. 107), ponderação que leva à reflexão das escolhas tradutórias de cada indivíduo dentro do feito tradutório deste trabalho, enquanto tradutor e comentarista.

A proposição de Torres também entra em contato com o que Jiří Levý (2000, p. 29) chamou de o processo tríplice de interpretação na tradução, onde cada tradutor, enquanto sujeito inserido em um contexto sócio-histórico e cultural, interpreta um texto à sua maneira. Assim, o percurso interpretativo de um texto traduzido, segundo Levý, dá-se da seguinte maneira: primeiro, o autor interpreta a realidade; depois, o tradutor interpreta o trabalho original e, por fim, o leitor forma uma interpretação da tradução (2000, p. 30). Nesta lógica, todo tradutor que se debruça sobre um texto, sendo ele um sujeito inserido em um contexto sócio-histórico, sendo o texto já traduzido ou não, terá uma interpretação diferente, criando um produto único. Este produto, então, será interpretado pelo leitor.

Esta implicação é particularmente importante neste trabalho, visto que temos não só a presença de uma tradução comentada, mas de uma tradução cooperativa, ou seja, há diversos tradutores atuando no texto antes de se chegar ao produto final. Cada tradutor pode encontrar soluções diversas para o mesmo problema tradutório, sendo necessário, neste caso, chegar a um consenso sobre qual estratégia deve ser utilizada.

No caso deste artigo e desta tradução, a metodologia empregada, como mencionado anteriormente, foi a do cotejo. Nesta prática metodológica as estratégias divergentes em termos/trechos específicos foram analisadas e comparadas ao lado do texto de partida para que os tradutores chegassem a uma escolha para aquele caso.

Estas divergências ocorreram durante a tradução de alguns termos que fazem referência a elementos culturais do território brasileiro, como é o caso de práticas e comidas específicas. Tal situação ocorre no trecho abaixo, onde temos a presença de um elemento cultural brasileiro no conto, cuja tradução propiciou diferentes estratégias:

Quadro 1 – Estratégias tradutórias para termo cultural 1

Trecho de partida	Estratégia 01	Estratégia 02	Estratégia 03
As filas. Alguém tangeu o gato que lutava com um pedaço de osso. Lenita fez o prato do marido, preparou também o seu. Mordia a fatia de peru com <i>farofa</i> , quando se lembrou do filho: — Cadê o Netinho?	The queue. Someone shooed away a cat fighting over a bone. Lenita prepared a plate for her husband, also prepared hers herself. She was biting into a slice of turkey with <i>farofa</i> when she suddenly remembered her son: — Where's Netinho?	The lines. Someone shooed away a cat fighting with a bone. Lenita prepared a plate for her husband, also prepared her own. Biting into a slice of turkey with <i>farofa</i> ¹ when she suddenly remembered her son: — Where's Netinho? Translators' note 1: Roasted yellow or white yucca flour.	The lines. Someone shooed away a cat fighting over a bone. Lenita prepared her husband's plate, she also prepared her own. Biting into a slice of turkey with <i>roasted yucca flour</i> when she remembered her son: — Where's Netinho?

Fonte: Elaboração dos autores, grifos nossos, traduções nossas.

O termo “farofa” foi identificado no texto como um item cultural-específico (doravante ICE), pois representa um alimento típico do cotidiano brasileiro, profundamente enraizado na cultura local. Segundo Aixelá, os ICEs são elementos textuais com particularidades culturais únicas que geram problemas de tradução entre a cultura de partida e a cultura de chegada. Estes termos podem se referir a objetos, hábitos ou sistemas de classificação, que podem não ter equivalentes diretos ou satisfatórios ao fazer tradutório na cultura da língua de chegada (Aixelá, 2013, p. 191).

Vale ressaltar que não existem elementos culturais fixos, pois podem variar conforme o contexto e as relações entre as culturas envolvidas. Seu status como ICE surge precisamente do conflito gerado ao tentar transferi-los entre culturas, momento em que as lacunas ou os diferentes valores atribuídos ao item na cultura de destino tornam-se evidentes, exigindo do tradutor decisões diversas de acordo com o objetivo de sua tradução (Aixelá, 2013, p. 192).

No caso da “farofa”, sua tradução para o inglês apresenta dificuldades relacionadas às escolhas de estratégias tradutórias que consigam respeitar sua carga cultural. Isso ocorre porque o termo carrega significados e associações específicos da cultura brasileira, difíceis de preservar integralmente na língua inglesa, devido às lacunas culturais ou diferenças de valores na cultura de chegada. Isto é um problema natural da tradução, pois as palavras em duas línguas distintas não correspondem, exatamente, uma à outra, nem expressam os mesmos conceitos, como afirmou Schleiermacher (2010, p. 45). Ainda sobre a dificuldade na

tradução de termos específicos, Schleiermacher afirma que caso esta equivalência fosse, de fato, existente, as únicas mudanças entre a tradução e o texto de partida se dariam nas diferenças sonoras e rítmicas, de modo que ao leitor da tradução poderia dizer-se estar de frente com um produto igual ao escrito em língua de partida (Schleiermacher, 2010, p. 46-47).

Portanto, quanto mais distantes as línguas se encontram uma da outra, tanto em relação à sua origem quanto ao descolamento temporal, mais esta suposta equivalência entre palavras se fragmenta, pois: “[...] nenhuma palavra em uma língua corresponde exatamente à uma da outra, e nenhuma flexão de uma apanha exatamente a mesma variedade de relações como uma da outra” (Schleiermacher, 2010, p. 47). É nesta diferença onde se operam as diferentes estratégias tradutórias que costumam serem divididas em duas vertentes principais: estratégias de estrangeirização e estratégias de domesticação, termos popularizados por Venuti, em sua obra *A invisibilidade do tradutor* (2021), mas cujas definições já eram abordadas por Schleiermacher, como é possível observar no trecho abaixo: “[...] ou bem o tradutor deixa o escritor o mais tranquilo possível e faz com que o leitor vá a seu encontro, ou bem deixa o mais tranquilo possível o leitor e faz com que o escritor vá a seu encontro” (2010, p. 57). Isto é dizer que as estratégias de estrangeirização priorizam a língua e cultura de partida, levando o leitor ao seu encontro, enquanto as de domesticação priorizam a língua e cultura de chegada, levando o autor ao encontro do leitor. É importante frisar que esta dicotomia não é, necessariamente, absoluta, pois ambas as estratégias ou outras não previstas por estes teóricos podem conviver em um mesmo texto.

Na tabela acima, temos exemplo de três estratégias distintas, a primeira sendo a repetição da palavra, ou seja, deixá-la tal qual é apresentada em língua de partida, além de não explicitá-la ao leitor, o que pode ser entendido como uma estratégia de estrangeirização, já que estamos dando prevalência à língua e cultura do texto de partida. A segunda estratégia apresentada acima também pode ser compreendida como uma estratégia estrangeirizadora, pois ainda mantemos o termo tal qual ele é apresentado em língua de partida, no entanto, há o acréscimo de uma nota de rodapé, de caráter explicativo, onde buscamos elucidar ao leitor não-brasileiro do que se constitui aquele ICE. Aqui, é salutar que a nota, além de acolher o leitor que pode não reconhecer o termo, traz visibilidade ao processo tradutório, ao constituir-se como espaço de um comentário metatextual e paratextual sobre a própria tradução, além de conter a assinatura “*translators’ note*” (nota dos tradutores), explicitando tratar-se de um texto traduzido e de uma tradução

cooperativa. Por fim, temos a última estratégia, que busca explicitar o ICE em língua de chegada, deixando em prevalência a cultura de partida e não a cultura de chegada, o que pode ser compreendido como uma estratégia domesticadora.

Em relação à escolha da estratégia a ser utilizada, é importante tecer alguns comentários acerca dos objetivos do trabalho e de algumas questões teóricas. Mencionamos anteriormente o objetivo de disseminar a literatura cearense em outras línguas através da presente tradução comentada, portanto, estamos exportando um produto cultural brasileiro para indivíduos presentes em outro contexto sociocultural. Isto significa que há certos momentos de tensão entre línguas e culturas, tal como apontado por Humboldt (2010, p. 107), que requerem maior atenção na prática tradutória, como é o caso do ICE referenciado. No entanto, devido à exportação da cultura cearense ser uma força motriz para este trabalho e se caracterizar como um dos objetivos específicos, a utilização de uma estratégia estrangeirizadora é mais condizente com o que está sendo proposto aqui. Ao levarmos um termo cultural oriundo da língua portuguesa, estamos, também, transmitindo nossa cultura a outros indivíduos tomando parte do processo explicitado por Humboldt (2010, p. 109): “[...] a língua passa a ser elevada a um sentido mais alto, expandida a ponto de atingir um sentido com capacidade de representação mais diversificada. Mas à medida que se amplia o senso da língua, amplia-se também o senso da nação”.

Deste modo, escolheu-se por manter a palavra em língua de partida, tal qual a estratégia 01. Em relação ao uso do elemento paratextual da nota de rodapé, optamos por não utilizar elementos paratextuais em geral, devido às características dos escritos de Moreira Campos. Como explorado anteriormente, a poética de Campos possui narrativas sintéticas (Azevedo, 2017, p. 45), ou seja, contos de pouca extensão. Ademais, o próprio autor considera este gênero textual como um *flash* da vida cotidiana (Campos, 1972, p. 12). Desta maneira, percebe-se que Campos opta pela brevidade, ainda que descrita em minúcias, e pelo impacto de leitura em seus escritos, algo que poderia ser afetado pela inclusão de um elemento paratextual, que poderia interromper a experiência de leitura do consumidor da tradução. Assim, visto que os discursos de acompanhamento referentes à tradução se encontram em outro lugar que não seus paratextos editoriais, e sim no seu próprio comentário aqui presente, optamos pela não inclusão de notas de tradutores, prefácios e glosas em geral.

Quadro 2 — Estratégias tradutórias para termo específico

Trecho de partida	Estratégia 01	Estratégia 02	Estratégia 03
Ela se livrou do violão, levantou-se e bateu palmas chamando todos para o <i>almoço à americana</i> , as mesas sob as árvores. Cada um apanhou o seu prato, formaram-se as filas, o homem gentil cedeu lugar a umas nádegas rijas, cortadas sempre pelo cordão do biquíni:	She put the guitar aside, stood up, and clapped her hands to call everyone to the <i>buffet-style lunch</i> , tables set up under the trees. Everyone grabbed their plates, lines had formed, and a polite man stepped aside to let a firm, bikini-strapped butt pass.	She put the guitar aside, stood up, and clapped her hands to call everyone to the <i>lunch, self-service style</i> , tables set up under the trees. Everyone grabbed their plates, lines had formed, and a polite man stepped aside to let a firm, bikini-strapped butt pass.	She put the guitar aside, stood up, and clapped her hands to call everyone to the <i>american-style lunch</i> , tables set up under the trees. Everyone grabbed their plates, lines had formed, and a polite man stepped aside to let a firm, bikini-strapped butt pass.

Fonte: Elaboração dos autores, grifos nossos, traduções nossas.

Outro exemplo de ICE identificado na tradução foi a expressão “almoço à americana”, que se refere a um modelo de serviço de alimentos atualmente conhecido como *buffet* ou *self-service*. Essa expressão possui carga de ICE porque apresenta um problema tradutório ao transitar entre culturas, exigindo decisões que levam em conta o contexto social e o impacto cultural.

O uso da expressão “almoço à americana” no texto de partida pode ser entendido como uma escolha estilística vinculada ao momento histórico em que foi escrito. Nos anos 80, os termos *buffet* e *self-service* ainda estavam se popularizando no Brasil graças à difusão dos restaurantes por quilo no estilo *self-service*, mesmo que a prática de dispor o alimento sobre a mesa para que os convidados pudessem se servir já fosse prática comum (Rebelato, 1997, p. 323-324).

Dessa forma, a tradução presente na estratégia 03, “*American-style lunch*”, poderia causar estranhamento ao leitor da língua inglesa ao conferir uma ênfase desnecessária a uma expressão que, no texto de partida, não possui tal destaque, uma vez que o modelo de serviço já era amplamente conhecido no país.

Restaram, portanto, as estratégias 01 e 02. Optamos por “*buffet-style lunch*”, em uma decisão que condiz com a estilística sucinta do autor no texto original, mantendo a naturalidade e ritmo do texto.

Para além da tradução de ICEs, o processo tradutório do presente conto teve como característica a utilização de tempos verbais específicos em língua inglesa. Isto pois, como mencionado anteriormente, uma característica dos contos de Campos é o uso do imperfeito, que pode expressar a ideia de continuidade aliada às descrições minuciosas das ações e dos ambientes da narrativa (Albuquerque, 1985,

p. 153). Mais precisamente, Campos se utiliza do pretérito imperfeito do indicativo em seus contos, categoria gramatical que manifesta a perspectiva pela qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo, neste caso, considerando-a como um fato passado, mas não concluído, o que outorga à ação uma ideia de continuidade (Cunha; Cintra, 2021, p. 396, 465). A utilização deste tempo verbal não é incomum, especialmente no que cerne a descrições e narrações de acontecimentos passados, como apontam Cunha e Cintra (2021, p. 466): “sendo de notar que nas narrações serve menos para enumerar os fatos do que para explicitá-los com minúcias”.

É justamente em momentos em que Campos se preocupa com a descrição minuciosa de cenas e acontecimentos, que temos a utilização desta conjugação verbal em maior destaque no conto:

Quadro 3 — Utilização do Pretérito Imperfeito do Indicativo

Trecho em língua de partida	Trecho 01	Trecho 02	Trecho 03
Apenas <i>parecia</i> consultar no pulso um relógio invisível, para marcar o tempo. O homem de ventre enorme já <i>estava</i> à beira da piscina, gotejante e trôpego, para uma nova dose de uísque, os dedos graúdos catando no balde os cubos de gelo.	O garçom <i>atendia</i> , solícito, perdendo os olhos ávidos nos seios mal contidos, oferecidos e inatingíveis. — Obrigada. O garçom <i>mantinha</i> a dignidade, ereto. A menina chegou e segurou a mãe pelo queixo.	<i>Aceitava-se</i> a bancarrota sem muita convicção. Na grande varanda, as senhoras grisalhas e indesejáveis, pulseiras tilintantes na flacidez dos braços, <i>discutiam</i> os novos valores morais e comentavam o recente desquite.	Os cães de raça <i>latiam e uivavam</i> desesperadamente nos canis (e dizem que os cães vêem coisas). Foi preciso que o tratador viesse acalmá-los, embora eles rodassem sobre si mesmos e rosnassem.

Fonte: Elaboração dos autores, grifos nossos.

Esta utilização do aspecto verbal imperfeito configurou-se como um problema tradutório a ser solucionado, haja visto que buscamos soluções linguísticas que possam traduzir os efeitos do conto ao leitor de língua inglesa. Assim, buscamos utilizar conjugações na língua inglesa que pudessem remeter à continuidade de acontecimentos passados, o que nos levou à primeira hipótese: a utilização do aspecto *perfect* da língua inglesa, visto que seria necessário trazer ao texto traduzido uma ideia de inacabamento da ação, como é característica da poética de Campos.

Desta maneira, a hipótese contava com duas opções: a conjugação do tempo verbal *present perfect* (doravante PP) e do tempo verbal *present perfect continuous* (doravante PPC), à medida em que o *present perfect* na língua inglesa é utilizado para expressar ações passadas: 1) que se relacionam com o presente; 2) muito

recentes ou em andamento no presente; e 3) cuja identificação do momento de ocorrência é incerto (Bland, 1996, p. 133).

Ademais, o PPC tem enfoque na duração de ações que começaram no passado e continuam no presente, podendo também ser utilizado para enfatizar o caráter recente da mesma (Bland, 1996, p. 133). A partir do exposto, produzimos as seguintes traduções:

Quadro 4 — Hipótese de tradução

Trecho de partida	Estratégia 01	Estratégia 02	Estratégia 03
Os cães de raça <i>latiam e uivavam</i> <i>desesperadamente</i> nos canis (e dizem que os cães vêem coisas). Foi preciso que o tratador viesse acalmá-los, embora eles rodassem sobre si mesmos e rosnassem.	The pedigree dogs <i>barked and howled</i> <i>desperately</i> in their kennels (and they say that dogs see things). Needed the handler to come to calm them down, though they kept circling themselves and growling.	The pedigree dogs <i>have barked and howled</i> <i>desperately</i> in their kennels (and they say that dogs see things). The handler needed to come and calm them down, though they kept circling and growling.	The pedigree dogs <i>have been barking and</i> <i>howling desperately</i> in their kennels (and they say that dogs see things). They needed the handler to come and calm them down, though they kept circling and growling.

Fonte: Elaboração dos autores, grifos nossos, traduções nossas.

Percebe-se, pelos trechos acima, que a hipótese de se utilizar do PP ou do PPC (estratégia 02 e estratégia 03, respectivamente) como maneira de traduzir a ideia de inacabamento do pretérito imperfeito do indicativo não foi comprovada. Isto pois os trechos apresentam perda semântica e sintática, de modo que o produto traduzido se torna confuso ao leitor de língua inglesa. Desta maneira, optamos pela utilização do *present simple*, acarretando uma perda no sentido de continuidade da ação passada.

No entanto, de forma a manter esta continuidade no conto traduzido, há trechos onde o aspecto verbal *perfect* foi utilizado, embora não houvesse a indicação de continuidade ou inacabamento no texto de partida.

Quadro 5 — Utilização do aspecto perfect em língua inglesa

Trecho de partida	Estratégia 01
Ninguém <i>lhe</i> ouviu os passos. <i>Sentou-se</i> à beira da grande piscina, cruzando as pernas longas. <i>Chegou</i> antiquíssima, atual e eterna, com a sua cara de máscara. Moldada em gesso?	Nobody <i>has heard</i> Her steps. <i>Having sat down</i> by the big pool, crossing Her long legs. <i>Having arrived</i> outdated, new and everlasting, with Her masked face. Cast in plaster?

Fonte: Elaboração dos autores, grifo nosso, tradução nossa.

Novamente, a reflexão de Schleiermacher (2010, p. 47) sobre o processo tradutório se faz presente, na medida em que não há palavra ou flexão em uma língua de chegada que apanha exatamente as mesmas relações presentes na língua de partida.

Conclusão

O artigo apresenta comentários críticos acerca da tradução do conto “Dizem que os cães vêem coisas”, do autor cearense Moreira Campos. Durante este percurso tradutório, foi possível observar os principais percalços ao se traduzir o conto regional para a língua inglesa, especialmente no que se refere a termos culturais específicos e ao uso idiossincrático da língua portuguesa brasileira.

Durante o comentário, buscamos trazer aportes críticos, interpretativos e descritivos à tradução, como é característico deste gênero textual acadêmico literário (Torres, 2017). Por meio deste, deixamos em evidência o processo tradutório, buscando elucidar a solução de problemas que tomou lugar durante a tradução, através da utilização do referencial teórico mencionado.

Neste artigo, torna-se evidente que a busca por uma suposta equivalência de sentidos entre línguas não é alcançável, visto que cada termo, tanto na língua de partida quanto na língua de chegada, irá preservar suas relações culturais e linguísticas, como afirmaram Humboldt e Schleiermacher em suas reflexões acerca do processo de tradução (2010). Ao explorar a produção de uma tradução a seis mãos, fica claro que cada tradutor, enquanto sujeito inserido em seu próprio contexto histórico, cultural e social, irá interpretar o texto à sua maneira, produzindo estratégias distintas, ainda que se trate do mesmo texto.

Este trabalho, portanto, contribui para a historiografia da tradução e para a historiografia da crítica da tradução, a medida em que torna visível o processo tradutório e anexa à tradução um material crítico e descritivo, além de ser capaz de cumprir com seu objetivo principal: a propagação da cultura literária cearense em outros domínios linguísticos e culturais.

Agradecimentos

Agradecemos à Prof^a. Dr^a. Cynthia Beatrice Costa (UFU) e à Prof^a. Dr^a. Luana Ferreira de Freitas (UFC), pela leitura cuidadosa deste trabalho, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo financiamento desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

AIXELÁ, Javier Franco. Itens culturais-específicos em tradução. Tradução de Mayara Matsu Marinho e Roseni Silva. *Traduções*, Florianópolis, v. 5, n. 8, p. 185-218, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/intraducoes/article/view/62298>. Acesso em: 23 mar. 2026.

ALBUQUERQUE, Antonia Lucineide de Pessoa. A versatilidade temática em Moreira Campos. *Revista de Letras*, Fortaleza, v. 8, n. 1, 1985. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/9429/1/1985_Art_ALPAlbuquerque.pdf. Acesso em: 23 mar. 2026.

AZEVEDO, Sânzio de. Moreira Campos e a arte do conto. *Revista de Letras*, [S. l.], v. 7, n. 1/2, 2017. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/19438>. Acesso em: 23 mar. 2026.

AZEVEDO, Sânzio. *Literatura cearense*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1975.

BERMAN, Antoine. *Tradução e a letra*: ou o albergue do longínquo. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres; Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: Editora 7letras, 2007.

BICALHO, Ana Maria. *Diálogos interculturais*: Graciliano Ramos tradutor/traduzido. 2010. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/8396>. Acesso em: 23 mar. 2026.

BLAND, Susan Kesner. *Intermediate Grammar: From Form to Meaning and Use*. New York: Oxford University Press, 1996.

BRASIL. *Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998*. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 fev. 1998.

CAMPOS, Haroldo de. Da Tradução como criação e como crítica. In: CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem & outras metas*: ensaios de teoria e crítica literária. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

CAMPOS, José Maria Moreira. *Dizem que os cães vêem coisas*. Fortaleza: Edições UFC, 1987.

CAMPOS, José Maria Moreira. Introdução aos Contos Escolhidos. In: CAMPOS, José Maria Moreira. *Por que estes contos*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1971. p. 12-24.

CAVALCANTI SIMIONI, Ana Paula. Modernismo brasileiro: entre a consagração e a contestação. *Perspective: Actualité en histoire de l'art*, n. 2, 2013. Disponível em: <https://journals.openedition.org/perspective/5539>. Acesso em: 23 mar. 2026.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed. 4. impressão. Rio de Janeiro: Lexikon, 2021.

HUMBOLDT, Wilhelm Von. Introdução a Agamêmnon. Tradução de Susana Kampff Lages. In: HEI-

DERMANN, Werner (org.). *Antologia bilíngue clássicos da teoria da tradução*: Volume 1 alemão-português. 2. ed. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, 2010. p. 103-119.

LEVÝ, Jiří. *The Art of Translation*. Tradução de Patrick Corness. Filadélfia: John Benjamins, 2000.

NETTO, Raymundo. *O canto novo de uma raça*: Pré-Modernismo e Modernismo. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2020.

REBELATO, Marcelo Giroto. Uma análise sobre a estratégia competitiva e operacional dos restaurantes self-service. *Gestão e Produção*, v. 4, n. 3, p. 321-334, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gp/a/RYqwQZjGP4966yvsXgmvkqB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 mar. 2026.

SCHLEIERMACHER, Friedrich Daniel Ernst. Sobre os diferentes métodos de tradução. Tradução de Celso R. Braidia. In: HEIDERMANN, Werner (org.). *Antologia bilíngue clássicos da teoria da tradução*: Volume 1 alemão-português. 2. ed. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, 2010. p. 39-101.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. Por que e como pesquisar a tradução comentada? In: FREITAS, Luana Ferreira de; TORRES, Marie-Hélène Catherine; COSTA, Walter Carlos (org.). *Literatura Traduzida tradução comentada e comentários de tradução*: volume dois. Fortaleza: Substância, 2017. p. 15-35.

VENUTI, L. *A invisibilidade do tradutor*: Uma história da tradução. Tradução de L. Pellegrin, L. M. Villela, M. D. Esqueda e V. Biondo. São Paulo: Editora UNESP, 2021.

Recebido em: 14/01/2026

Aceito em: 24/03/2026

